

OIKO

SÉRIE OIKO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

VOLUME 01



INVESTIMENTOS NO EXTERIOR

DOLARIZANDO SUA CARTEIRA

PROTEJA SEU PATRIMÔNIO. AMPLIE SUAS OPORTUNIDADES.



O MUNDO É SUA MELHOR OPORTUNIDADE.
INVISTA SEM FRONTEIRAS.

useoiko.com.br



BEM-VINDO

OIKO

O nome OIKO vem do grego oikos — casa, lar. É dele que nasce a palavra **economia**: a arte de cuidar bem da própria casa. E é exatamente isso que fazemos: ajudamos você a organizar, entender e fazer crescer a sua vida financeira, com método e sem fórmulas mágicas.

Este ebook faz parte da nossa série de materiais educativos e acompanha os conteúdos que você encontra em useoiko.com.br. Aqui, o tema é **investir fora do Brasil** — sendo brasileiro, morando aqui e ganhando em reais.

Dolarizar não é apostar na alta do dólar. É deixar de ter **100% do seu futuro dependendo de uma única moeda e de uma única economia**. Este material mostra como fazer isso na prática, quanto custa e o que a Receita espera de você.

Boa leitura — e bom planejamento.

Equipe OIKO

SUMÁRIO

01	Por que dolarizar (e o que isso não é)	4
02	Os dois caminhos: daqui ou lá fora	5
03	O que você pode comprar	6
04	Quanto custa a travessia: IOF e câmbio	8
05	Imposto de Renda: as regras mudaram	9
06	Declarações e obrigações	11
07	Quanto dolarizar e como começar	12
08	Erros que custam caro	13
09	Perguntas frequentes	14

INTRODUÇÃO

Todo o seu patrimônio numa moeda só

Pare um segundo e some: seu salário, sua reserva, seus investimentos, seu imóvel, sua aposentadoria. Quase tudo, provavelmente, está em **reais** — e depende do desempenho de uma única economia, que representa uma fatia pequena da economia mundial.

Isso não é um erro moral nem falta de patriotismo. É **concentração de risco**. E concentração de risco é exatamente o que todo manual de finanças recomenda evitar.

Investir no exterior resolve esse problema específico. Não promete rentabilidade maior, não protege de tudo e não é passe para "fugir do Brasil". É apenas o que é: uma forma de espalhar seu patrimônio por mais moedas, mais países e mais setores do que o mercado local oferece.

Nas páginas a seguir você vai ver os dois caminhos possíveis, o que dá para comprar em cada um, quanto custa atravessar a fronteira e — a parte que quase todo material ignora — **como isso é tributado hoje**, depois das mudanças recentes.

NOTA EDITORIAL

As regras tributárias e cambiais deste tema mudaram muito nos últimos anos e continuam em disputa no Congresso. Este material reflete o cenário vigente em **agosto de 2026**. Confirme as condições atuais antes de decidir e, em casos relevantes, consulte um contador.

01

Por que dolarizar (e o que isso não é)

O que dolarizar resolve

- ◆ **Diversificação de moeda.** Quando o real se desvaloriza, a parte da sua carteira em dólar sobe em reais — funciona como um amortecedor;
- ◆ **Acesso ao que não existe aqui.** As maiores empresas de tecnologia, saúde e consumo do mundo não são listadas na B3;
- ◆ **Proteção de objetivos em moeda forte.** Intercâmbio, viagem, um filho estudando fora, aposentadoria em outro país: se a despesa é em dólar, faz sentido a poupança também ser;
- ◆ **Redução do risco-país.** Uma crise local pesa menos sobre um patrimônio que não está inteiro aqui dentro.

O que dolarizar NÃO é

- ◆ **Não é aposta na alta do dólar.** Quem compra dólar esperando lucro no curto prazo está especulando com câmbio — outra atividade, com outro risco;
- ◆ **Não é garantia de rentabilidade maior.** Há períodos longos em que o mercado brasileiro rende mais, ainda mais com juros altos por aqui;
- ◆ **Não é proteção contra tudo.** Ativo internacional cai em crise global como qualquer outro;
- ◆ **Não é para 100% do patrimônio.** Se você vive, gasta e se aposenta em reais, dolarizar tudo cria o risco inverso.

O JEITO OIKO DE PENSAR

A pergunta não é "o dólar vai subir?". É "**em que moeda estão as minhas despesas futuras?**". Quem responde isso com honestidade descobre naturalmente quanto da carteira deveria estar fora — e para quem faz sentido dolarizar pouco.

02

Os dois caminhos: daqui ou lá fora

Existem duas portas de entrada, e a escolha muda custos, impostos e burocracia. Nenhuma é melhor em abstrato — depende do tamanho do seu patrimônio e da sua paciência com papelada.

Sem sair do Brasil

Você compra na B3, em reais, ativos ligados ao exterior: **BDRs, ETFs de índices internacionais, fundos cambiais** e fundos de investimento no exterior.

A favor: zero câmbio, zero IOF, tudo no informe da corretora brasileira, começando com poucos reais.

Contra: menos opções, taxas de administração nos fundos e regras tributárias próprias.

Conta no exterior

Você abre conta em uma corretora internacional, envia reais convertidos em dólar e compra **ações, ETFs, REITs e títulos** direto na origem.

A favor: universo completo de ativos, custos de corretagem baixos, patrimônio fora da jurisdição local.

Contra: IOF e spread na remessa, controle próprio de custos em dólar e mais responsabilidade na declaração.

Como escolher entre os dois

Para quem está começando e vai aportar valores modestos, a porta brasileira costuma vencer: o custo de atravessar a fronteira pesa demais sobre aportes pequenos, e a declaração é bem mais simples.

Conforme o valor cresce e o horizonte se alonga, a conta no exterior tende a compensar — o custo de entrada se dilui e o acesso a ativos e a moeda direta passa a valer o trabalho extra.

Não é decisão definitiva. Muita gente usa as duas portas ao mesmo tempo: aportes mensais pela B3 e remessas maiores, espaçadas, para a conta lá fora.

03

O que você pode comprar

Ações internacionais

Participação direta em empresas listadas lá fora. Nas corretoras internacionais é possível comprar **frações de ação**, o que derruba a barreira de entrada. Exige o mesmo que investir em ações aqui: horizonte longo e estômago para oscilação.

ETFs globais

Fundos negociados em bolsa que replicam índices. Com um único papel você compra centenas de empresas de vários países. Para a maioria das pessoas, **é o caminho mais eficiente** de dolarizar: diversificação instantânea e custo baixo.

REITs — fundos imobiliários internacionais

O equivalente lá fora dos nossos FIs, com exposição a shoppings, galpões, data centers e imóveis residenciais. Pagam rendimentos periódicos, mas atenção: para o brasileiro, **esses rendimentos sofrem retenção na fonte no país de origem**.

BDRs

Recibos negociados na B3, em reais, que representam ações de empresas estrangeiras. É a forma mais simples de ter exposição internacional sem abrir conta fora — com uma armadilha tributária importante, detalhada no capítulo 05.

Renda fixa internacional

Títulos do Tesouro americano e bonds corporativos. São a referência global de segurança e servem para dar estabilidade à parte dolarizada da carteira, além de render juros em moeda forte.

Fundos de investimento no exterior

Gestão profissional, com aporte único e sem você precisar escolher ativo por ativo. O preço é a taxa de administração — que deve ser comparada com o custo de fazer o mesmo via ETF.

Criptoativos

Classe à parte: não é "dólar", é um ativo próprio, de alta volatilidade. Pode compor uma fatia pequena da carteira, e tem **regras tributárias diferentes conforme fique em corretora nacional ou estrangeira** — veja o capítulo 05.

04

Quanto custa a travessia: IOF e câmbio

Enviar dinheiro para fora tem custo, e ele aparece em três lugares. Ignorar qualquer um deles distorce toda a sua conta de retorno.

1. IOF — e a classificação que muda tudo

Depois dos decretos de 2025, o IOF sobre câmbio ficou desenhado para separar **consumo** de **investimento**:

- ◆ **1,1%** — remessa destinada a investimento no exterior;
- ◆ **3,5%** — transferência para conta própria de disponibilidade, compra de moeda em espécie, cartão internacional e saques;
- ◆ **0,38%** — entrada de recursos no Brasil, quando o dinheiro volta.

Repare no detalhe que vale dinheiro: a **mesma quantia** pode pagar 1,1% ou 3,5% dependendo de como a operação é classificada. Ao enviar, confirme com a instituição que a finalidade está registrada como investimento.

2. Spread cambial

É a diferença entre o dólar comercial que você vê no noticiário e o que a instituição efetivamente cobra. Costuma ser **maior que o IOF** e varia bastante entre instituições — e quase nunca aparece como "taxa" no extrato. Compare o valor final creditado em dólar, não a taxa anunciada.

3. Taxas operacionais

Tarifa de remessa, corretagem, eventual custódia e taxa de conversão de volta. Em conjunto, é o que se chama de **custo total de propriedade** do investimento.

A CONTA QUE POUCOS FAZEM

Some IOF + spread + tarifas e você terá o quanto o seu dinheiro "perde de altura" só para atravessar. Em aportes pequenos e frequentes, esse custo fixo pesa muito — motivo pelo qual **remessas maiores e espaçadas** costumam ser mais eficientes do que enviar pouco todo mês.

05

Imposto de Renda: as regras mudaram

Este capítulo é o que separa material atualizado de material requentado. A tributação de investimentos no exterior foi reescrita pela **Lei nº 14.754/2023**, e boa parte do que circula na internet ainda descreve o mundo antigo.

Aplicações financeiras no exterior

- ◆ **Alíquota única de 15%** sobre os rendimentos — ganhos na venda de ativos, juros e dividendos;
- ◆ **Apuração anual**, na própria declaração de ajuste, com guia única. Acabaram o carnê-leão e o GCAP mensal para esses rendimentos;
- ◆ **Fim da isenção de R\$ 35 mil por mês**. Ela não vale mais para aplicações financeiras no exterior: qualquer ganho é tributado;
- ◆ **Prejuízos podem ser compensados** com lucros de períodos seguintes, o que suaviza anos ruins.

A regra antiga de ganho de capital, com alíquotas de 15% a 22,5%, continua valendo para o que **não** é aplicação financeira — imóveis no exterior, por exemplo, e moeda em espécie acima do equivalente a US\$ 5 mil no ano.

Dividendos e a bitributação

Dividendos de ações e REITs americanos sofrem **retenção na fonte nos Estados Unidos**, tipicamente de 30% para o investidor brasileiro. Brasil e EUA não têm tratado, mas há reciprocidade de tratamento: o imposto pago lá pode ser **compensado** com o devido aqui, desde que você guarde os informes que comprovam a retenção.

BDRs: a armadilha do R\$ 20 mil

Quem investe pela B3 precisa saber: **BDRs não têm a isenção de R\$ 20 mil em vendas mensais** que vale para ações brasileiras. Qualquer lucro é tributado — 15% em operações comuns, 20% em day trade — e o recolhimento é seu, por DARF, até o último dia útil do mês seguinte. A mesma ausência de isenção vale para ETFs. E os dividendos de BDRs também são tributáveis, ao contrário dos dividendos de ações brasileiras.

Criptoativos: depende de onde estão

- ◆ **Em corretora nacional:** segue a regra de ganho de capital, com a **isenção para vendas de até R\$ 35 mil por mês** — mantida em 2026, depois que a medida provisória que pretendia acabar com ela perdeu a validade no Congresso;
- ◆ **Em corretora estrangeira ou autocustódia:** entra no regime da Lei 14.754 — 15%, apuração anual, sem isenção mensal.

06

Declarações e obrigações

Investir fora é perfeitamente legal — desde que declarado. O problema quase nunca é o imposto; é o esquecimento.

Na declaração anual

- ◆ **Bens e Direitos:** saldo em conta no exterior, ações, ETFs, fundos e demais ativos, com os códigos e o país corretos, pelo valor de aquisição convertido;
- ◆ **Rendimentos:** ganhos e dividendos do exterior, com o imposto pago fora informado para compensação;
- ◆ **Ter recebido rendimentos do exterior já obriga a declarar,** mesmo que você ficasse dispensado pelos demais critérios.

CBE — a declaração do Banco Central

Além da Receita, existe o **Censo de Capitais Brasileiros no Exterior**. A declaração anual é obrigatória para quem tem, em 31 de dezembro, ativos fora do país iguais ou superiores a **US\$ 1 milhão**. É obrigação separada do Imposto de Renda, com multas próprias — e ignorada por muita gente que cruza esse patamar.

Criptoativos

Há ainda a obrigação específica de reporte de operações com criptoativos, que passou por atualização recente com a nova declaração instituída pela Receita, alinhada ao padrão internacional de troca de informações. É **obrigação de informar**, não imposto novo — mas amplia bastante o que o Fisco enxerga.

ORGANIZAÇÃO É METADE DO TRABALHO

Guarde, mês a mês: extratos da corretora, comprovantes de câmbio com a taxa aplicada, informes de retenção no exterior e o histórico de cada compra com data e cotação. Sem esses registros você não consegue comprovar custo de aquisição — e, na dúvida, o imposto sai maior.

07

Quanto dolarizar e como começar

Não existe percentual mágico

Qualquer número dito com certeza absoluta deve ser tratado com desconfiança. O que existe é um raciocínio: quanto **mais suas despesas futuras forem em moeda forte** e mais longo o seu horizonte, maior a fatia lá fora. Quem vive, gasta e vai se aposentar em reais precisa de menos; quem planeja estudo, viagem longa ou moradia fora precisa de mais.

Vale também o teste do sono: se uma queda de 20% na parte internacional faria você vender no pior momento, a fatia está grande demais para o seu perfil.

O passo a passo

- 1 Resolva o básico primeiro**
Reserva de emergência formada e dívidas caras quitadas. Dolarizar com o rotativo do cartão aberto é matemática perdida.
- 2 Defina o objetivo da parte dolarizada**
Proteção de longo prazo, um gasto futuro em moeda forte ou diversificação. Isso determina os ativos e o prazo.
- 3 Escolha a porta de entrada**
B3 ou conta no exterior, conforme o capítulo 02. Comece por uma só; complexidade demais no início costuma travar a decisão.
- 4 Comece pelo diversificado**
Um ETF amplo de mercado global resolve para a maioria. Escolher ações individuais é uma decisão adicional, que exige acompanhamento adicional.
- 5 Aporte com regularidade, sem tentar acertar o câmbio**
Ninguém sabe o topo ou o fundo do dólar. Aportes espaçados diluem o preço médio de entrada e evitam a paralisia de esperar "o dólar cair".
- 6 Monte a pasta fiscal desde o primeiro aporte**
Depois de três anos de operações é muito mais difícil reconstruir o histórico. Faça no começo, quando é fácil.

08

Erros que custam caro

Esperar "o dólar cair para entrar"

Quem espera o câmbio ideal costuma passar anos fora. Se o objetivo é proteção, o momento importa menos do que a constância.

Confundir dolarizar com especular

Comprar dólar para revender em semanas é operação de câmbio, não diversificação. Os riscos e os prazos são completamente diferentes.

Enviar como "disponibilidade" o que é investimento

A classificação errada da remessa mais que triplica o IOF. É dinheiro perdido por preenchimento.

Achar que BDR e ETF têm a isenção das ações

Não têm. Vender achando que está isento gera imposto devido, multa e juros lá na frente.

Ignorar o custo de voltar

Um dia esse dinheiro pode retornar ao Brasil, com novo câmbio e novo spread. Considere a ida e a volta.

Não declarar por achar que é pouco

Não existe piso de "valor pequeno" para omitir ativos no exterior. Com o intercâmbio automático de informações entre países, o Fisco enxerga muito mais do que se imagina.

Cair na promessa de rendimento garantido em dólar

Desconfie de operações "sem risco" no exterior, de plataformas não reguladas e de quem pede transferência para contas de terceiros. Regra simples: se ninguém consegue explicar de onde vem o rendimento, ele não existe.

09

Perguntas frequentes

◆ Preciso de muito dinheiro para começar?

Não. Pela B3, BDRs e ETFs internacionais partem de valores baixos. Nas corretoras internacionais, a compra de frações de ação permite começar com pouco — o que pesa nesse caminho não é o mínimo, é o custo fixo da remessa.

◆ É legal ter conta e investimentos fora do Brasil?

Sim, plenamente. O que a lei exige é transparência: declarar os ativos e recolher o imposto devido. Ilegal é omitir.

◆ Meu dinheiro fica protegido lá fora?

Depende do país e da instituição. Nos EUA, contas de corretora contam com um seguro específico para o caso de falência da corretora — que protege contra a quebra da instituição, **não** contra a queda dos seus investimentos. Risco de mercado não tem seguro em lugar nenhum.

◆ BDR ou investir direto lá fora?

BDR é mais simples e sem custo de câmbio; investir direto dá acesso maior e custos recorrentes menores. Para aportes pequenos, BDR e ETF na B3 costumam vencer; para patrimônios maiores e prazo longo, a conta no exterior tende a compensar.

◆ E se eu precisar trazer o dinheiro de volta?

É possível a qualquer momento. Na entrada de recursos incide IOF reduzido, e a conversão terá o câmbio e o spread do dia. Planeje o resgate com a mesma calma do envio — trazer tudo às pressas em um dia ruim de câmbio custa caro.

◆ Preciso declarar se não tive lucro nenhum?

Sim. Os ativos entram em Bens e Direitos independentemente de haver ganho. Imposto se paga sobre rendimento; declaração se faz sobre patrimônio.

◆ Vale a pena abrir uma offshore?

Para a grande maioria das pessoas, não. Depois da Lei 14.754, os lucros de entidades controladas no exterior passaram a ser tributados anualmente, mesmo sem distribuição, e a estrutura tem custo de manutenção e complexidade contábil. Só faz sentido em patrimônios altos e com assessoria especializada.

FECHAMENTO

Diversificar é reduzir dependência

Investir no exterior não é sobre desconfiar do Brasil nem sobre prever o dólar. É sobre uma constatação simples: nenhum patrimônio deveria depender inteiramente de uma única moeda, de um único governo e de um único ciclo econômico.

Feito com método — porta de entrada escolhida com clareza, custos calculados, impostos em dia e aportes regulares —, dolarizar é uma das decisões mais eficientes que um investidor brasileiro pode tomar. Feito no impulso, no auge do dólar e sem entender a tributação, vira arrependimento caro.

Este material integra a **Série OIKO de Educação Financeira**. Novos volumes e conteúdos estão sempre disponíveis em **useoiko.com.br**.

Cuidar bem da própria casa é o primeiro grande investimento.

— Equipe OIKO

AVISO IMPORTANTE

Este é um material educativo e reflete regras vigentes em agosto de 2026, que podem mudar. Nada aqui constitui recomendação de investimento, indicação de ativos ou orientação tributária individual. Investimentos em moeda estrangeira e renda variável envolvem risco de perda. Para a sua situação específica, consulte um profissional habilitado.

OIKO

*"Economia, no sentido original,
é a arte de cuidar bem da própria casa."*

[USEOIKO.COM.BR](https://useoiko.com.br)

EDUCAÇÃO FINANCEIRA · CONTEÚDOS · DECISÕES CONSCIENTES

SÉRIE OIKO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA · VOLUME 01

© OIKO — Todos os direitos reservados